

# MEMÓRIAS



José Cardoso Pires, o autor de «O Anjo ancorado»

## CINCO MINUTOS AO TELEFONE com José Cardoso Pires

(O facto, quanto a nós, releva-se pelo seu ineditismo: um escritor jovem, apenas com dois livros de contos e novelas no seu activo literário, o ultimo dos quais data de há seis anos, publicou agora o seu primeiro romance, cuja edição se esgotou praticamente em poucos dias. Chama-se o autor José Cardoso Pires e o livro é «O Anjo Ancorado», obra cujo tema se reveste de impressionante actualidade pelos problemas que levanta.

Justificava-se, pois, segundo cremos, uma breve troca de impressões com o seu autor. Com esta intenção lhe telefonámos).

— Está lá?... O sr. Cardoso Pires está?...

— É o próprio, faz favor de dizer...

— Bom dia, fala do «Diário Popular». Gostaríamos de trocar algumas impressões consigo, a propósito do seu ultimo livro, «O Anjo Ancorado»!...

— Faz favor...  
— Que pensa do êxito alcançado pelo seu romance?...

— Êxito comercial? Não faço ideia, o editor responderá melhor do que eu...

— Não, refiro-me ao êxito literário, do qual, naturalmente, depende o êxito comercial...

— Sim... bem vê: passou tão pouco tempo sobre a publicação do livro, que não me foi possível ainda auscultar a chamada reacção do leitor. Além disso, tenho estado fora.

— Sim, mas deve saber que o seu livro foi acolhido com uma certa celeuma...

— Parece-me que sim. Creio que se discutem «problemas de geração» e da legitimidade de considerar esses problemas como eu os considere. Não sei, de todo não sei...

(A ligação é má e não se ouve bem. Tentámos nova pergunta).

— Que é e que procura exprimir o seu livro?...

— Embora não seja fácil, tenho feito todos os possíveis por me manter a «distancia» (sublinhe distancia, por favor), do meu livro. Mas sempre lhe digo que receio muito que as pessoas julguem encontrar em duas personagens de «O Anjo Ancorado» o resumo psicológico de duas gerações sucessivas. Receio...

— Sim...

— Como?...

— Disse que sim.

— Ah! Não foi isso que quis dar. Quis dar dois casos-tipo de duas gerações e nunca um balanço de gerações. Faça-me entender?...

— Certamente, mas os leitores gostarão de uma explicação mais completa...

— Para um balanço de geração nem mil páginas de sociologia chegariam. De resto, a nota final lá está a atestar esse cuidado. Tem o livro á mão?...

— Está á minha frente.

— Se a ler verá que corresponde ao que lhe estou dizendo...

(Cardoso Pires entusiasma-se com as suas próprias palavras).

— Não é verdade que a geração estiolante de Castilho deu o Camilo? Falar de gerações em abstracto é como falar do «português» intemporal ou do tradicional ciúme dos árabes.

(A conversa começa a ser longa para um simples telefonema, mas o seu interesse força-nos a continuar).

— Do que se tem falado, sobretudo, é se o livro é uma coisa nova ou não. Simplesmente, uns dizem que é novo pelo estilo e outros pelo tema. Interessa, portanto, saber o que pensa o autor a este respeito.

— O autor, nesse caso, fosse ele quem fosse, diria que, quando escreveu o livro (fosse que livro fosse), fê-lo na convicção de ter escrito coisa nova. Ninguém pensa em repetir-se, sobretudo quem escreve. Se o publico achou novidade, ótimo. É sinal de que a obra já cumpriu alguma coisa. Pelo menos, a função de ser «uma contribuição». (Tenha

(Continua na 11.ª pág.)



# 5 MINUTOS AO TELEFONE

## COM JOSÉ CARDOSO PIRES

(Continuação das pág.<sup>as</sup> centrais)  
 paciência, sublinhe aqui outra vez).

— E que entende por contribuição?...

— Contribuição, quer dizer: novos ângulos psicológicos, novos aspectos sociais e romanescos. Novidade, portanto. Boa ou má. Tentativa de re-

velar o que está por dizer. Acho que a resposta fica bem assim, parece-lhe?...

— Acho que sim. E quanto ao estilo?...

— Sabe, não há estilo novo sem temas novos. O estilo é o homem, segundo diziam os poetas da arte pela arte, e eu estou com eles. Mas vou mais adiante: O estilo é o homem na medida em que a realidade contada depende do homem total que a observa e escolhe. Sou partidário do estilo exacto, como Mendes Pinto, como o Cavaleiro de Oliveira e como qualquer bom jornalista frente ao acontecimento do dia-a-dia. Ou como os fulanos das repartições, quando têm de redigir um officio para o qual não há uma minuta oficializada.

— Ainda duas perguntas, Cardoso Pires. Que pensa da actual geração e das suas possibilidades, mesmo perturbada ou desorientada como nos surge em «O Anjo Ancorado»?...

— Penso que nem quarenta períodos de telefone chegariam para o dizer. Há de tudo como na farmácia. E há principalmente uma coisa importante a assinalar: é que, seja como for, o mundo avança em ascensão. As crises e as perturbações do homem correspondem a necessidades de crescimento. Felizmente para o cidadão de qualquer geração, a insensatez é eterna. É isso que define a qualidade de ser homem, quero dizer: é essa insatisfação «eterna» que define precisamente a sua qualidade «temporal».

— Portanto...

— Portanto, se há desorientados, esses desorientados não são vítimas românticas, conforme os vêem certos realistas naturalistas. Nem demónios macabros, nem iludidos por via umbilical, atávica ou de explicação psicanalítica; são socialmente, também, válidos. Digamos: são o contraponto necessário de uma época em desenvolvimento.

— Projectos?...

— Uma peça de teatro sobre o es-tafadíssimo tema da «Maria da Fonte», e um romance escrito já anunciado: «O Hóspede de Job». Mas como todo o português, ponho nesses planos uma grande dose de imprevistos virtuais. Tudo se pode alterar inesperadamente. Tudo, até aquilo que já está feito e considerado definitivo. Como vê, eu que não me julgo desiludido, também falo às vezes como as personagens do meu livro...

— O que não significa, certamente, que seja uma delas. Muito obrigado pelas suas impressões e até á vista!

— Obrigado, eu. Até á vista!

O «Diário Popular» é transportado para todo o Mundo nos aviões da «P. A. A.»